

EXEGESE RABÍNICA: MIDRASH

Cláudia Andréa Prata Ferreira (UFRJ)

O *Midrash* surge a partir da necessidade de compreender os ensinamentos e histórias da *Torá*. Auxilia na busca de sentido e compreensão do texto. Designa um recurso pedagógico, um método interpretativo cujo objetivo era desvelar o texto bíblico, preencher suas lacunas, reconciliar contradições e reinterpretar o texto à luz das condições históricas atuais e às situações do cotidiano. O *Midrash* é um tipo de interpretação e ensinamento que age sobre períodos, palavras e as vezes até fonemas ou letras particulares do texto de modo a aprofundar seu estudo e tornar atual e compreensível a mensagem do texto. A este ensinamento bíblico ou a *Torá*, cujo nome acabará por abranger os demais livros do *Tanach*, o *Midrash* se coloca lado a lado e se integra todo a uma série de comentários que aparecem com o nome de *Orientação* ou *Tradição Oral*.

O termo hebraico *Midrash* “interpretação” recebe equivocadamente, muitas vezes a tradução de *lenda*. Contudo, devemos destacar a diferença entre *Midrash* e *Hagadá*. O termo hebraico *Hagadá*, também traduzido por *lenda*, tem o sentido de narração lendária popular, como fruto da tendência humana de fabular sobre os acontecimentos que fogem à compreensão e de mitificar os seus protagonistas.

O termo *Hagadá* origina-se do verbo *lehagid* no sentido de “narrar, explicar, admoestar, informar”. Se entende também *lenda* no sentido de “narração escrita”, que precisa, portanto, “ser lida”, de um fato religioso ou histórico. O termo *Midrash* (plural *Midrashim*) se origina da raiz *drsh* que tem como significado “explicar, interpretar, investigar, estudar a fundo”. E os *darshanim* são aqueles que se utilizam do *Midrash* para investigar o texto bíblico.

Os *darshanim* interpretavam a *Torá* no Templo, através da homilia. Visando facilitar a compreensão do texto bíblico e dos conceitos abstratos nele presente por parte da população menos culta, ilustravam-na com elementos mitológicos e folclóricos, que eram mais assimiláveis. Dessa forma, alimentada de *Hagadá*, a lição voltava aos *darshanim* que a reelaboravam na esteira do texto bíblico, para extrair dele novos ensinamentos e caracterizando-as em dois tipos, distintos um do outro, ou então complementares um ao outro: o *Midrash Hagadá* de caráter ilustrativo-narrativo, e o *Midrash Hala-chá*, que possui um caráter normativo-jurídico.

Midrash Hagadá

Costumava o velho Tera construir ídolos e vendê-los no mercado. Diariamente mandava um filho ao mercado, com um cesto cheio de deuses grandes e pequenos, caros e baratos.

Certo dia, coube a Abraão ir ao mercado com o cesto de deuses. Ele os tirou do cesto e deitou sobre o tabuleiro, os maiores por cima, os médios no meio, e os pequenos por baixo. Achevou-se um homem avançado em anos, mas ainda forte, que falou:

- Abraão, dá-me um bom deus, tão grande e forte como eu mesmo.

Mostrou-lhe Abraão o maior, o que estava bem em cima e falou:

- Aquele que é o maior de todos é também o mais forte; mas os meus deuses têm um defeito; antes de ver o dinheiro eles não se mexem do lugar.

O velho pagou-lhe, pegou o deus e quis ir embora.

- Quantos anos tendes? – perguntou-lhe Abraão.

- Setenta anos – respondeu-lhe o velho.

- É lamentável que tenhais tão pouco juízo. – disse Abraão - Vós mesmo tendes setenta anos e quereis curvar-vos perante um deus que acaba de ser feito.

O velho lhe atirou o deus dentro do cesto e exigiu o dinheiro de volta. Abraão devolveu-lhe a paga e o deixou em paz.

Veio então uma mulher velha e disse:

- Abraão, dá-me um deus bem barato, tão pequeno e ordinário como eu sou.

Ele lhe designou o menor, bem embaixo e disse:

- Este é bem da vossa medida: pequeno, baixo e deitado sob todos os outros.

Depois que ela lhe pagou o pequeno preço, Abraão perguntou-lhe:

- Quantos anos tendes?

- Ah! Muitos – respondeu a mulher. Eu mesma já não me lembro quantos.

- Que vergonha – disse Abraão. – Uma anciã como vós curvar-te perante um pequeno deus que só ontem foi feito.

Ao ouvir isso, a mulher pegou seu dinheiro de volta e foi embora sem o deus.

Abraão fez o mesmo com todos os compradores. (GUINSBURG, 1967, p.78-79).

A história de Abraão acima não consta no texto bíblico. É um *Midrash*, que retrata de forma pictórica e acessível um complexo episódio teológico, o nascimento do monoteísmo e sua aceitação por Abraão.

O *Midrash* adotou a *Torá* como ponto de partida e como objetivo, fonte e fundamento da religião judaica e de sua própria inspiração literária. O objetivo do *Midrash* era o de esclarecer as verdades da *Torá* não tanto por meio de racionalizações do que por uma ilustração simples e direta. Por isso encontramos tantas lendas, alegorias e anedotas do *Midrash* em torno dos personagens bíblicos. A *Hagadá* era amplamente usada pelos mestres na exposição de passagens rabínicas, em forma de parábolas e fábulas. Os rabinos usavam da *Hagadá* para realizarem seus comentários sobre as Escrituras, em especial, ao falar para um público simples e inculto.

A *Hagadá* geralmente se interessava mais pelas idéias do que por detalhes reais ou históricos. Não tem compromisso com a realidade histórica, mas com a exposição do texto bíblico de modo que o seu sentido venha a ser compreendido.

A *Hagadá* é geralmente simples e iliterária, com a vivacidade do conto popular e não se alonga nas caracterizações. O diálogo é rápido e direto e não faz digressão para comentários que não são relacionados à situação narrada. Ele surge teatralmente e se desenvolve com frases curtas e incisivas que exigem uma resposta imediata, de modo a não permitir a mudança no motivo principal da história.

A *Hagadá* não trabalha o texto bíblico como fonte de estudos e, sim como uma fonte de *segredos*, procurando significados *ocultos* de natureza ética ou mística.

Midrash Halachá

Sifré Números 22, 3

“Se um homem ou uma mulher” (Nm 6,2). Isso se diz para excluir os menores de idade. Pois, por dedução lógica, poder-se-ia obter: se no texto em que

a Escritura não equipara as mulheres aos homens, equiparam-se sim os menores de idade aos adultos [Lv 21, 1ss], não se deduz que aqui, onde se equiparam as mulheres aos homens, também se equipará os menores de idade aos adultos? Mas, por isso, o texto diz “se um homem ou uma mulher”, para excluir os menores de idade” (SNm 22, 3). (ARANDA PÉREZ, 2000, p.441).

A exegese *haláchica* tem como objetivo deduzir uma norma ou formulação precisa da *Halachá*. Pode-se concluir a exegese com uma citação expressa da *Mishná* ou com alguma sentença do tribunal ou dos sábios, donde temos a fórmula “*Dai que os sábios estabelecessem que...*”, como fecho típico de encerramento de algumas dessas unidades. A *Halachá* deduz-se de preferência dos textos bíblicos *haláchicos*, mas não exclusivamente. Costuma empregar uma linguagem acadêmica bastante elaborada, sumamente concisa.

Midrash Halachá

(a partir de um trecho selecionado da Torá)

Que permanece fiel a milhares de gerações, que suporta a iniquidade, a revolta e o pecado, mas que não deixa passar nada, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração. (TEB, Ex 34,7)

A partir desta passagem do texto bíblico, Ex 34 7, os rabinos resolveram amenizar a severidade do julgamento divino, dizendo que tal castigo só se aplica se os próprios filhos forem tão perversos quanto seus pais. Desse modo, os rabinos tratam de uma questão legalista calcada no texto bíblico. Encontramos também na fonte intitulada de *Pirkei Avot* a seguinte passagem: “Dez gerações houve de Noé a Abraão, para mostrar quão grande é a Sua longanimidade; pois todas as gerações O provocaram, até a vinda de Abraão, nosso pai, que recebeu a recompensa por todas elas.” (PA, 5,3). De acordo com a concepção bíblica e dos profetas, Deus não julga os indivíduos, mas os povos. De acordo com a nova concepção, é o indivíduo que pesa, uma vez que a alma pertence ao indivíduo e não ao povo. Esta noção de responsabilidade pessoal, cada qual é responsável por suas ações, não importa a que povo pertença – deu origem a um conceito judaico denominado de *Tzadikei Haumot*, os “justos das nações”. Esse conceito afirma que um não-judeu justo e bom vale mais que um judeu injusto e mau, e que ele tem tanto direito ao *Olam Habá* (o mundo vindouro, o mundo futuro) quanto um judeu praticante.

O *Midrash* é um tipo de interpretação e ensinamento que procura o sentido do texto bíblico.

Uma questão premente do *Midrash* é o de interpretar o texto bíblico, à procura de seu sentido e tendo em vista pô-la em prática.

No texto que se segue, o propósito do *Midrash* consiste em encontrar uma interpretação que permita conciliar afirmações contraditórias.

Sifré Números, sobre Nm 6, 26

Um versículo diz: *Que o Senhor erga para ti o seu rosto* (Nm 6,26) e outro versículo diz: ... *Que não erga o seu rosto* (trad. Lit. de Dt 10,17). Como se cumprirão estes dois versículos? Quando Israel faz a vontade do Lugar, *que o Senhor erga para ti o seu rosto*; e quando Israel não faz a vontade do Lugar, (Este) *não ergue seu rosto*.

Outro comentário: Enquanto a sentença não é pronunciada, *que o Senhor erga para ti o seu rosto*; mas tão logo a sentença é pronunciada, *não ergue ele o seu rosto*.

Um versículo diz: *Tu ouves as súplicas, a ti vem toda carne* (Sl 65,3) e outro versículo diz: *Tu te envolveste com uma nuvem, para que não passe a oração* (Lm 3,44). Como se realizarão estas duas passagens? Enquanto a sentença não é pronunciada, *tu ouves a oração*; tão logo a sentença seja pronunciada, *tu te envolveste numa nuvem*.

Um versículo diz: *O Senhor está próximo de todos aqueles que o invocam, de todos aqueles que o invocam de verdade* (Sl 145,18). E outro versículo diz: *Por que, Senhor, ficas assim tão longe?* (Sl 10,1) Como se realizarão estas duas passagens? Enquanto a sentença não é pronunciada, *O Senhor está próximo de todos aqueles que o invocam*; mas tão logo a sentença seja pronunciada, *por que, Senhor, ficas assim tão longe?* (KETTERER, & REMAUD, 1996, p.21-22).

Cada uma das passagens do *Midrash* opõe dois versículos bíblicos questionando-se como podem cumprir-se, simultaneamente, pois a Palavra Divina é uma e não pode contradizer-se. O *Midrash* resolve a dificuldade, mostrando que a chave das contradições encontra-se no homem e não em Deus, ou seja, Deus *ergue* ou *não ergue* seu rosto, conforme o homem cumpre ou não a sua vontade. Enquanto o homem não vive o estado de santidade (*kedushá*) desejado por Deus, este não o escuta mais.

No próximo *Midrash*, encontramos uma figura clássica utilizada na prédica da sinagoga designada pela palavra *abertura*. Esta designação corresponde à fórmula que introduz as unidades literárias. Neste contexto, o verbo *abrir* pode ter os seguintes sentidos: trata-se de abrir a liturgia da palavra ou de abrir o espírito dos ouvintes ou ainda, abrir o sentido do texto.

A *abertura* é uma breve homilia pronunciada antes da leitura de uma passagem da *Torá* (Pentateuco) e destina-se a preparar o público para escutá-la e segue uma estrutura fixa. Inicia com um versículo, geralmente retirado dos *Ketuvim* (Escritos) e à primeira vista não tem a menor relação com a passagem da *Torá* que vai ser lida. A arte do pregador consiste em incitar de imediato a curiosidade do público ouvinte deixando-o em suspenso o maior tempo possível, antes de chegar, por uma trama de associações de idéias ou de palavras, ao primeiro versículo da leitura do dia. A *abertura* termina onde a leitura (do dia) vai começar, depois de ter sido transmitido o ensinamento que é proposto naquela ocasião.

Levítico Rabá 1, 6 sobre Lv 1, 1

Rabi Tanhuma abriu: *há ouro e muitas pérolas, porém os lábios que possuem a ciência são um vaso precioso* (Pr 20, 15). Conforme os moldes deste

mundo, um homem que possua ouro, prata, pedras preciosas, pérolas e tudo quanto há de mais valioso no mundo, mas por falho de sabedoria, que possui ele? O provérbio diz: “Tu possuis a sabedoria, que mais te falta? Se te falta a sabedoria, que possuis?”

Há o ouro: Todos trouxeram ouro em oferta para o Tabernáculo, como foi dito: *Eis a contribuição que receberás dele: ouro* (Ex 25,3)... *e muitas pérolas*: É a oferta dos príncipes, como foi dito: *E os príncipes trouxeram pedras de ônix* (Ex 35,27)...

Mas os lábios que possuem a ciência são um vaso precioso (Pr 20,15). Como se estivesse triste a alma de Moisés e ele dissesse: “Todos trouxeram suas ofertas para o Tabernáculo, e eu, eu nada trouxe”, o Santo, Bendito seja ele, disse-lhe; Por sua vida, tua palavra tem maior preço para mim do que tudo o mais; porque, dentre todos, Moisés foi o único que [Deus] chamou e a quem falou. [Por isto, será escrito]: *Deus chamou Moisés e, da Tenda da reunião, falou-lhe, dizendo: Fala aos filhos de Israel* (Lv1,1). (KETTERER, & REMAUD, 1996, p.48).

Para o ouvinte ciente de que a leitura do dia deveria ter início pelo *Levítico*, a passagem dos *Provérbios* não tem *a priori* qualquer relação com o conteúdo da leitura. A atenção do ouvinte ficará *sob suspense* até o fim da *abertura*, enquanto ele não tiver captado o elo de ligação que o pregador quer estabelecer entre as partes (a leitura inicial e a leitura do dia). No caso, mais valiosa que o ouro, a prata e as pedras preciosas e raras é a *Torá*, depositada por Deus nos lábios de Moisés. Enquanto os outros israelitas trazem suas oferendas, Moisés traz em seus lábios a palavra divina que lhe foi revelada. É essa palavra que dá sentido à existência humana e orienta a vivência na santidade desejada por Deus. Cabe a Moisés transmitir a palavra que lhe foi dada.

Nas fontes rabínicas encontramos referências a um método de comentário do texto bíblico denominado em hebraico de *hariza* “colar”. Este método consiste basicamente em compor em torno de um assunto, um *colar* de versículos das fontes bíblicas, passando da *Torá* aos *Neviim* (Profetas) e destes aos outros escritos bíblicos. O método tem por finalidade evidenciar a unidade do texto bíblico e sua coerência, ou melhor, reconstituir a unidade da *Escritura*, que é o reflexo da própria unidade de Deus.

Cântico Rabá 1,10

Que beleza tuas faces entre os brincos, teu pescoço, com colares de pérolas (Ct 1, 10). Quando faziam colares (*hazerim*) das palavras da *Torá*, passando das palavras da *Torá* aos Profetas, e dos Profetas aos Escritos, o fogo flamejava em torno deles e as palavras tornavam-se jubilosas, como quando foram pronunciadas no Sinai: quando pronunciadas pela primeira vez no Sinai, foram dadas entre chamas, como foi dito: *a montanha ardia em fogo, até as profundezas do céu* (Dt 4, 11). Ben Azai estava sentado e perscrutava (*doresh*) [a *Escritura*] e o fogo flamejava em torno dele. Contaram-no ao Rabi Agiba: Rabi ben Azai está sentado, perscruta a *Escritura* e o fogo flameja em torno dele. Rabi Agiba aproximou-se e disse-lhe: Ouvi dizer que

perscrutas as Escrituras e que o fogo flameja em torno de ti? Ele respondeu: sim. Rabi Agiba perguntou: Acaso estudavas os segredos do carro? (Ez 1, objeto de especulação mística) Ele respondeu: não. Mas eu estava sentado e fazia um colar das palavras da Torá, passando da Torá aos Profetas e dos Profetas aos Escritos e as palavras mostravam-se alegres, como quando foram transmitidas no Sinai. E eram doces, como quando foram proferidas pela primeira vez, porque, ao serem dadas pela primeira vez, não foram dadas no fogo: *E a montanha flamejava?* (Dt 4,11).(KETTERER, & REMAUD, 1996, p.50-51).

No *Midrash* acima, temos o relato de que o fogo acompanha a leitura da palavra divina. Dessa forma, o *colar* permite voltar à unidade da Palavra, tal como ela foi revelada por Deus. O *colar* procura recuperar o sentido originário da Palavra. Este relato não nos diz o conteúdo do *colar* provavelmente porque Ben Azai ocupava-se com assuntos místicos dos quais não era permitido falar em público. O relato está calcado em *Cântico dos Cânticos*, que é associado à saída do Egito e ao dom da *Torá*, isto é, aos esponsais de Deus com seu povo.

A experiência do fogo descrita acima e narrada de maneira análoga em diferentes fontes, refere-se a uma forte experiência espiritual, até mesmo mística, vivenciada por alguns mestres que alcançaram a intuição daquilo que faz a unidade do texto bíblico.

Um dos recursos utilizados no *Midrash* é designado pela expressão hebraica *guezerá shavá* “raciocínio por analogia”. Consiste basicamente em aproximar passagens do texto bíblico que apresentam pontos comuns no vocabulário, na sintaxe ou no conteúdo geral. Esta aproximação da Escritura com ela mesma faz surgirem novos significados.

Gênesis Rabá 40,6

Por causa dela, ele tratou bem Aarão (Gn 12,16). Rabi Pinhas diz, em nome de Rabi Hoshaya Rabba: O Santo, Bendito seja ele, disse a Abraão: Parte e abre caminho a teus filhos!

Tu constatas que tudo o que está escrito sobre Abraão, está escrito também sobre seus filhos. Sobre Abraão está escrito: *Houve uma fome no país* (Gn 12,10); sobre Israel, está escrito: *Há dois anos que dura a fome no país* (Gn 45,6).

Sobre Abraão está escrito: *Abraão desceu ao Egito* (Gn 12,10); e, sobre Israel, está escrito: *Nossos pais desceram ao Egito* (Nm 20,15).

Sobre Abraão está escrito: *Para aí ficar* (Gn 12,10); e sobre Israel está escrito: *Vimos habitar nesta terra* (Gn 47,4).

Sobre Abraão está escrito: *Pois a fome assolava o país* (Gn 12,10); sobre Israel está escrito: *A fome assola o país* (Gn 47,4). Sobre Abraão está escrito: *Quando ele estava chegando* (Gn 12,11)...; sobre Israel está escrito: *Quando Faraó se aproximou* (Ex 14,10)...

Sobre Abraão está escrito: *Eles me matarão, deixando-te com vida* (Gn 12,12); sobre Israel está escrito: *Jogai no Rio todo menino que nascer, mas deixai viver as meninas* (Ex 1,22).

Sobre Abraão está escrito: *Aconteceu, quando Abraão chegou ao Egito* (Gn 12,14); e sobre Israel está escrito: *Eis os nomes dos filhos de Israel que entraram no Egito* (Ex 4,1).

Sobre Abraão está escrito: *Abraão era muito rico em rebanhos, prata e ouro* (Gn 13,12); e, sobre Israel, está escrito: *Fê-los sair com ouro e prata* (Sl 105,37).

Sobre Abraão está escrito: *Faraó confiou-o a homens que o conduziram à fronteira* (Gn 12,20); e, sobre Israel está escrito: *Os egípcios pressionavam o povo a que saísse depressa do país* (Ex 12,33).

Sobre Abraão está escrito: *Ele foi por etapas* (Gn 13,3)...; e, sobre Israel, está escrito: *Estas são as etapas dos filhos de Israel* (Nm 33,1). (KETTERER, & REMAUD, 1996, p.53-54).

O *Midrash* toma como referência passagens do livro de *Gênesis*, tendo Abraão como personagem central. Sua história prefigura a aventura de seus descendentes. A mensagem do texto é mostrar Abraão abrindo o caminho para seus filhos. Deste modo, o destino do povo está escrito no do patriarca.

Na exegese rabínica, nenhum termo do texto bíblico, que é a Palavra divina é destituído de sentido. Assim, os rabinos exploram todas as possibilidades de interpretação das palavras, jogando com os duplos sentidos, procurando um significado para termos aparentemente neutros. Por vezes analisam a grafia das palavras e as eventuais anomalias na maneira de grafar. Muitos destes comentários, diretamente relacionados à particularidades da língua hebraica, são de difícil tradução.

Gênesis Rabá 48, 8-9 sobre Gn 18, 1

Ele estava sentado na entrada da tenda, no maior calor do dia (Gn 18,1).

Rabi Berekhiá diz, em nome de Rabi Levi: Está escrito: *Ele sentou-se*. Quis levantar-se, mas o Santo, Bendito seja ele, disse-lhe: Senta-te, tu és sinal para teus filhos. Assim como estás sentado e a Shechiná mantém-se de pé, assim teus filhos estão sentados e a Shechiná mantém de pé. *Deus se levanta no conselho divino* (Sl 82, 1). (KETTERER, & REMAUD, 1996, p.65-66).

O verbo traduzido por “estava sentado” deveria estar escrito como *ioshev*, mas foi grafado de maneira imperfeita, permitindo que se leia *iashav*, que pode sem entendido como “sentou-se”. Donde, conclui-se por este detalhe que Abraão quis levantar-se, mas Deus convidou-o a de novo sentar-se. Este *Midrash* associa a esta cena, o costume de

as pessoas manterem-se sentadas, na sinagoga, durante a recitação do *Shemá Israel* a partir da citação do *Salmo 82*.

Shemá significa “escuta”. É a primeira palavra da afirmação básica do Judaísmo: “Escuta Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é um” (TORÁ, Dt 6,4). O *Shemá* é composto de três trechos da *Torá* (Dt 6,4-9; 11,13-21 e Nm 15,37-41) que devem ser lidos de forma atenciosa e sem interrupção.

Não rezamos o *Shemá* de pé (salvo se o *Arón HaKodesh* “Arca Sagrada”, onde ficam os rolos do livro da *Torá*, está aberto) baseado em duas explicações: primeiramente, o *Shemá* provém da *Torá* e todas as rezas selecionadas a partir da *Torá* e que servem de tema de estudo nas salas de aula devem ser recitadas estando a pessoa sentada, porque esta é a postura normal de estudo. Outra, no século IX, na Babilônia, na época de Amram Gaón, o compilador inicial do *Sidur*, os caraítas levantavam-se exclusivamente no *Shemá* e nos *Asséret Hadibrót* (Dez Mandamentos), as únicas passagens da *Torá* consideradas por eles como sendo de origem divina. Dessa forma, para insurgir-se contra esse costume caraíta, ficou estabelecido que o *Shemá* deveria ser recitado sentado.

O *Shemá*, originalmente, fazia parte da liturgia existente no período do Templo em Jerusalém. Os *Dez Mandamentos* eram recitados seguidos do *Shemá*, diariamente até o início do cristianismo. Nesta ocasião, surgiu uma polêmica envolvendo a recitação dos *Dez Mandamentos* e os judeus-cristãos, pois estes acreditavam que os *Dez Mandamentos* era o único texto recebido no Monte Sinai. Dessa forma, os rabinos resolveram abolir a recitação dos *Dez Mandamentos* para que este não tivesse uma importância central no serviço de rezas e sim o *Shemá* ocupasse a posição de centralidade.

Outros comentários, sobre o *Midrash* analisado pelos rabinos, dizem que Deus vem fazer uma visita a Abraão, pois este encontrava-se indisposto devido à circuncisão recente. Deste modo, Deus convida-o a sentar-se de novo, quando ele esboça o gesto de levantar-se.

A palavra hebraica *shechiná* origina-se do verbo *lishkon*, que significa “habitar”, “permanecer”. Este termo refere-se à presença de Deus junto aos homens.

Breve Conclusão

Embora o termo *Midrash* seja usado para designar um estilo exegético desenvolvido séculos atrás, o processo interpretativo midráshico continua até os dias atuais presente em cada *shabat*, nas sinagogas, quando rabinos e estudiosos procuram meios de tornar as palavras da *Torá* com sentido aos assuntos da atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANDA PÉREZ, Gonzalo et alii. *Literatura judaica intertestamentária*. 1.ed. Trad.Mário Gonçalves. São Paulo, Ave-Maria, 2000. 522 p. (Introdução ao Estudo da Bíblia, 9).

BÍBLIA, A. Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo, Loyola: Paulinas. 1995. 1567 p.

FERREIRA, Cláudia Andréa Prata. *O pacto da memória: interpretação e identidade nas fontes bíblica e talmúdica*. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras, 2002. Tese de Doutorado. 274 p.

GUINSBURG, Jacob (org.) *Histórias do Povo da Bíblia: relatos do Talmud e do Midrasch*. São Paulo, Perspectiva, 1967. 375 p.

LIMENTANI, Giacomina. *O Midraxé: como os mestres judeus liam e viviam a Bíblia*. Trad. Bertilo Brod. São Paulo, Paulinas, 1998. 146 p. (Midraxé).

KETTERER, Eliane & REMAUD, Michel. *O midraxé*. Trad. Maria C.de M.Duprat. São Paulo, Paulus, 1996. 127 p. (Documentos do mundo da Bíblia, 9).

PIRKEI Avot (PA). BUNIM, Irving M. *A Ética do Sinai: ensinamentos dos Sábios do Talmud*. 1.ed. Trad. Dagoberto Mensch. São Paulo, Sefer, 1998. 523 p.

TORÁ. A Lei de Moisés. Edição revisada e ampliada da obra A Lei de Moisés e as Haftarót. Inclui a tradução das Cinco Meguilot por David Gorodovits e Ruben Najmanovich. 1.ed. São Paulo, Sefer, 2001. 685 p.